

DEUSES E LETRAS: A INSTITUIÇÃO CRISTÃ NO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO – UMA HOMENAGEM A UMBERTO ECO

Dagoberto José FONSECA*

Nesta abordagem procuramos dialogar com a literatura, na medida em que ela é uma fonte reveladora do imaginário das sociedades, bem como da própria produção de e da subjetividade do escritor. O diálogo das Ciências Sociais com a Literatura tem se mostrado fecundo, pois ela se revela uma grande fonte do imaginário das sociedades, bem como da própria produção de e da subjetividade do escritor. Temos ciência que a Literatura tem sido, desde os tempos de Homero, segundo os dados da cultura euro-ocidental, o espaço privilegiado para que os homens pudessem expor suas ideias, suas impressões e seus sentimentos sobre o que há em torno de si e do mundo.

As preocupações humanas arroladas na literatura inúmeras vezes estão situadas no tempo do escritor, no entanto encontramos também muitas outras obras literárias que se ambientam artificialmente de maneira brilhante em outro tempo que não aquele do escritor. Esse é a princípio o caso de *O Nome da Rosa* de Umberto Eco (1980) que se apresenta em um mosteiro beneditino medieval do século XIV, mas é escrita no último quartel do século XX.

O Nome da Rosa está ambientada em um tempo-espaço distante do autor. Ela está situada em um tempo histórico e um espaço geográfico determinado, mas que faz eco na tradição cristão-católica e na memória da cultura ocidental, confirmando a tese de Octávio Paz de que

[...] toda a obra literária é uma obra histórica, está datada. Está claro que a fez um homem, numa determinada sociedade, e que neste sentido ela se

* UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - dagobertojose@gmail.com

inscreve numa história determinada, numa sociedade precisa, mas também essa obra se desprende de sua época, é lida de modo diferente dez, vinte, cinquenta anos depois; cada leitura é uma modificação da obra, cada leitura é uma recriação da obra. (PAZ apud FONSECA, 1987, contracapa).

O imaginário cristão no mundo contemporâneo, em particular neste último quartel do século XX é analisado a partir desta obra literária de Umberto Eco. Constatamos que essa obra e esse autor buscou repensar o mundo contemporâneo, em particular a sua face modernizante, mas dando destaque à Idade Média. Eco traduz sua preocupação com o futuro da sociedade ocidental, mas levando-a ao seu passado fundador, carregado de encantamento, de fé e de violência a partir das instituições religiosas cristãs.

O passado medieval presente nessa obra literária, que é a mais importante na trajetória de escritor de Umberto Eco e que fundamenta a nossa homenagem a ele, demarca a necessidade de se discutir a identidade das instituições religiosas no momento atual, quando refletem a dessacralização e o desencantamento do mundo, buscando reencantá-lo através da literatura e da reafirmação do imaginário cristão formador das sociedades ocidentais.

O argumento da obra

O Nome da Rosa é escrito tendo o mesmo argumento literário, ou seja, uma base documental. Eco escreve várias páginas a fim de provar que não estão criando nada de novo, apenas está preocupado em tornar público pergaminho antigo, solicitando que peritos o traduzisse. Vale salientar que o argumento utilizado por Jostein Gaarder (1998) em *Vita Brevis*, publicado 18 anos depois desta obra de Eco é similar. Veja a similaridade dos argumentos de ambos:

Quando visitei a feira do livro de Buenos Aires, na primavera de 1995, insistiram para que eu reservasse uma manhã ao famoso mercado das pulgas em San Telmo. Depois de algumas horas febris diante de todas aquelas barracas nas ruas e praças, acabei refugiando-me num pequeno sebo de livros raros. (GAARDER, 1998, p. 7).

[...] em 1970, em Buenos Aires, espionando nos bancos de um pequeno livreiro antiquário na Corrientes, não longe do mais insigne Patio Del Tango daquela grande via, caiu-me entre as mãos a versão castelhana de um livrinho. (ECO, 1980, p. 7).

Considero que com este argumento Gaarder faz um elogio e uma homenagem a grande obra de Umberto Eco.

Eco e os ecos dos conventos medievais

Com o mesmo conjunto de relações e conflitos *O Nome da Rosa* de Umberto Eco também se coloca neste universo de obras que, muito embora, abordem um ambiente antigo, também faz eco no presente, sobretudo quando introduz o suspense e o crime no cotidiano, antes monótono e repetitivo, da vida monástica de um convento beneditino em pleno século XIV.

O Nome da Rosa nasce de um propósito aparentemente evidente do autor, o de macular, contaminar, a atmosfera cândida e a força da tradição eclesiástica e monástica católicas, a partir de uma idéia seminal que surgiu em março de 1978, “[...] a vontade de envenenar um monge [...] o resto era recheio que se acrescentaria ao longo do caminho [...]” (ECO, 1985, p.15). Essa ideia devia estar presa ao universo e imaginário católico de Eco. Ele que nasceu em 5 de Janeiro de 1932, na cidade de Alessandria, Itália do Piemonte, numa família católica e trabalhando em sua tese de doutorado (1954) sobre a estética em São Tomás de Aquino.

Eco, assim, traz para o leitor as questões que envolvem a tradição aristotélica e a tradução afro-arábica realizada da obra de Aristóteles e, ainda, introduz a mulher, sua sexualidade e sua sensualidade questiona com astúcia a admiração que os cristãos católicos exercem sobre as imagens das santas. Deixando entrever algumas perguntas, a saber: Como o corpo das mulheres é visto pelos seus adoradores? Qual o lugar do corpo que tocamos com as nossas mãos os santos e santas que admiramos? Será que os vemos como portadores de feminilidade e masculinidade? Destituímos de fato seus sexos, quando tocamos apenas suas mãos, pés e cabeças? Por que a Virgem Maria será sempre retratada como uma bela jovem?

Essa realidade cultural religiosa do período medieval fez com que Eco através da análise de Guilherme de Baskerville redimensionasse o pensamento sobre a mulher na Idade Média, tirando-lhe a pecha de pecaminosa, de perigosa, a fim de mostrar a Adso de Melk outra possibilidade de leitura teológica acerca da mulher, por exemplo: Ele

[...] criou o homem neste mundo vil, do barro, e a mulher num segundo tempo, no paraíso e de nobre matéria humana. E não a formou dos pés

ou dos interiores do corpo de Adão, mas da costela. [...] O Senhor, que tudo pode, teria podido encarnar-se diretamente num homem de modo miraculoso, e escolheu ao contrário habitar o ventre de uma mulher, sinal de que não era tão imunda assim. E quando apareceu após a ressurreição, apareceu a uma mulher. [...] Se, portanto o Senhor teve tantas atenções para com a própria Eva e para com suas filhas, é tão anormal que nós também nos sintamos atraídos pelas graças e pela nobreza desse sexo?” (ECO, 1980, p. 262).

As relações construídas ao longo do tempo pela Igreja Católica, bem como o seu processo e consolidação no imaginário social na Idade Média são lugares constantes na reflexão de muitos intelectuais europeus, como o período colonial, escravista, destruidor, conquistador e opulento, tem fascinado e indignado grande parte dos grandes intelectuais latino-americanos, tornando-se por isso um lócus temporal permanente nas preocupações teóricas desses e daqueles intelectuais, na medida em que buscam ali, nos séculos passados, respostas e perguntas ainda não feitas e nem permitidas pela nossa capacidade de reflexão, de discernimento e de conhecimentos críticos e criativos.

Esse movimento de retorno ao passado medieval e colonial tem marcado profundamente o nosso tempo no que diz respeito aos ensaios acadêmicos, às pesquisas científicas e a produção literária. Umberto Eco em *O Nome da Rosa* faz esse exercício de voltar ao passado medieval europeu para dialogar, mais do que isso entrar no túnel do tempo e se encontrar com esse passado e revivê-lo na pele do velho monge beneditino Adso de Melk que registra:

Chegando ao fim desta minha vida de pecador, enquanto, encanecido, envelheço como o mundo, à espera de perder-me no abismo sem fundo da divindade silenciosa e deserta, participando da luz inconversível das inteligências angélicas, já entevado com meu corpo pesado e doente nesta cela do caro mosteiro de Melk, apresto-me a deixar sobre este pergaminho o testemunho dos eventos miríficos e formidáveis a que na juventude me foi dado assistir, repetindo verbatim quanto vi e ouvi, sem me aventurar a tirar disso um desenho, como deixar aos que virão (se o Anticristo não os preceder) signos de signos, para que sobre eles se exercite a prece da decifração.

Conceda-me o Senhor a graça de ser testemunha transparente dos acontecimentos que tiveram lugar na abadia da qual é bem e piedoso se cale também afinal o nome, ao findar do ano do Senhor de 1327. [...] Quem sabe, para compreender melhor os acontecimentos em que achei envolvido, é bom que eu recorde o que andava acontecendo naquele pedaço de século, do modo como o compreendi então, vivendo-o, e do modo como o rememoro agora, enriquecido de outras narrativas que ouvi depois – se é que a minha memória estará em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos. (ECO, 1980, p.15-16).

A paixão pela Idade Média impulsionou Umberto Eco a ampliar com entusiasmo o seu conhecimento sobre o cotidiano, a linguagem, a escrita e as teses teológicas e filosóficas, enfim todo o contexto que dominava o século XIV para integrá-lo em sua obra. Eco nesse exercício intelectual e fictício usou e abusou dos escritos de outros tantos escritores, não fazendo seu plágio, mas se inspirando nos livros de Homero, de Ariosto, de Rabelais e de Cervantes.

Ao transitar entre passado e presente Eco trouxe à tona o imaginário da modernidade - o renascimento - ao olhar o velho mundo medieval para desfolhar mais uma página dos enigmas que rondam o momento contemporâneo. Ao se referir à Igreja Católica e à crença católica, Eco centra o enredo e o itinerário deste livro na elucidação da verdade, no poder do riso e na força da justiça. Temas profundos que estão presentes em todos os autores que lhe serviram de inspiração, sobretudo Rabelais como citou Mikhail Bakhtin (2010), quando se referiu aos risos e à cultura popular nas idades média e renascença.

O Nome da Rosa introduz duas concepções do riso, que são também voltadas para as ideologias do período medieval, renascentista, bem como da modernidade de maneira implícita. A ideologia institucional – do Estado e da Igreja – na idade média estava pautada na seriedade, enquanto a ideologia da renascença se baseava na sua força criadora. Vale ressaltar que,

o tom sério era característico da cultura dos nobres e do clero. A seriedade de semblante afirmou-se como a única que demonstrava a firmeza de espírito, a verdade, o bem, a veneração, a docilidade e a redenção. O riso era concebido pelo alto clero e pela nobreza como uma manifestação menos nobre e erudita, estando identificado como um dos instrumentos de expressão espontânea do povo, pela sua inconseqüência e falta de responsabilidade.

Esta concepção provinda do alto clero é demonstrada com perspicácia no romance *O Nome da Rosa* de Umberto Eco, em que o autor estabelece o diálogo entre o monge beneditino, Jorge de Burgos, e o monge franciscano, Guilherme de Baskerville. O primeiro sendo fiel representante do pensamento do alto clero, corporificando o discurso ideológico da seriedade; o segundo questionando este discurso, por não conceber a seriedade como a única postura da verdade absoluta que reside no espírito humano. (FONSECA, 1994, p.15).

O monge beneditino concebia o riso como

[...] a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a Igreja em sua sabedoria concedeu o momento de festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores... Mas desse modo o riso permanente coisa vil, defesa para os simples, mistério de sacralizado para a plebe ... mas aqui (no livro de Aristóteles) a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia [...] (ECO, 1980, p.17).

Deste modo, “[...] o riso estabelece a contra-ideologia ao sério e ao absoluto. O riso legitima o binômio rir-pensar, promovendo o conhecimento e o saber, sendo algo passível de ser estudado e analisado pelos intelectuais e cientistas.” (ECO, 1980, p.18).

Guilherme de Baskerville diz que,

[...] o riso não deve permanecer coisa vil, defesa para os simples, mistério de sacralizado pela plebe. Que se lhe abram as portas do mundo dos doutos! Basta que este vulgar encontre um latim que o traduza, que seja transformado em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do aldeão é operação mecânica, que do riso nasça à nova e destrutiva aspiração de destruir até a morte através da liberação do medo [...]. (ECO, 1980, p.18-19).

No universo complexo da criação do romance, Eco demonstrou seus conhecimentos de semiótica, pois soube os lugares certos onde colocar os signos, onde construir as referências; de posse desses conhecimentos ele estruturou

O Nome da Rosa, ambientou toda a trama nos bastidores do convento beneditino e dialogou neste universo com as regras de São Bento (1993), prendendo a atenção dos leitores pelos crimes, mas principalmente por impor uma atmosfera de penumbra, de sombras. Não há momentos de plena luminosidade no convento. Ao retirar a luz do convento, Eco insinua e corrobora com diversas teses de que o período medieval foi um momento de muitas e poderosas sombras, acarretando um retrocesso para a ciência, ou seja, para o desvelamento da verdade.

Ao apresentar esse cenário para o leitor, Eco o transporta para o universo do medo, bastante presente no imaginário que construímos acerca do mundo medieval, como também quer nos informar Jean Delumeau (1996) em *História do Medo no Ocidente - 1300-1800*. Ao introduzir também na trama um suposto livro de Aristóteles - o segundo livro da Poética -, dedicado à comédia, ele dá ao riso um caráter filosófico, em condições de ser encarado como portador de conhecimento e de saber humano, portanto sendo detentor também da verdade. Deste modo, Eco recoloca o debate sobre a concepção singular, única, absoluta e sagrada de verdade imprimida e imposta com força pela Igreja Católica na Idade Média.

O segundo livro da Poética de Aristóteles referido por Eco não foi escrito pelo filósofo grego ou jamais foi encontrado. Este ambiente criado em *Nome da Rosa* nos possibilita, ainda, verificar que muitos livros antigos foram atribuídos a Aristóteles, sem que houvesse qualquer indício mais preciso para tal, como já salienta Alain de Libera (1999) em *Pensar na Idade Média* ao contextualizar o universo filosófico, acadêmico e eclesiástico medieval, na medida em que detecta a presença de pseudo-textos aristotélicos, bem como que o mundo ocidental e clerical foi influenciado pelo islamismo, no que tange o seu contato e conhecimento das obras desse filósofo grego.

Eco ainda de posse de seus inúmeros conhecimentos teológicos, históricos, culturais e semióticos utilizou dos crimes, do suspense, do mistério, ou seja, de um recurso literário bastante conhecido em *O Nome da Rosa*. Esse romance policial, portanto foi minuciosamente estudado, antes e durante a sua confecção, conseguindo um ótimo êxito junto à população de leitores na seara ocidental (ECO, 1985), sendo posteriormente levado às telas do cinema, contando com o genial ator Sean Conery como o protagonista central do filme homônimo.

Neste sentido, verificamos que a fórmula usada por Eco, neste romance, foi popular. Muito embora, o processo de criação e elaboração do enredo não contasse com questões comuns, triviais, nem de acesso fácil para uma grande soma da população ocidental, posto que as reflexões que se inter cruzaram nesta

obra são da filosofia, da teologia, da antropologia, da sociologia e da história do cristianismo.

O mundo medieval e a contemporaneidade

O antigo, mas sempre presente conflito com o universo religioso afro-arábico e, particularmente com o islamismo, muito embora não esteja de maneira explícita nas obras desses autores ocidentais, digo Eco e Gaarder, articulam à trama central a um volume de livros intitulado *fnis Africae* escrito por um egípcio, isto na obra de Eco, enquanto na obra de Gaarder é um pergaminho escrito por um sírio, sendo uma interpretação ou transcrição da *Coena Cypriani*. Esses diálogos com a tradição afro-arábica e tradução islâmica são apresentados de diferentes formas, mas no caso de Eco se acredita que o volume de livros que faz referência à África foi escrito inspirado na obra desaparecida de Aristóteles em que o grande filósofo no segundo livro da *Poética* “atribui a criação do mundo ao riso divino”. (ECO, 1980, p. 481).

Eco, neste sentido, traz de maneira precisa o que Alain de Libera (1999) em *Pensar na Idade Média* e Jacques Le Goff (1958) em *Les Intellectuels au Moyen Agê* já nos informaram que o Aristóteles conhecido pelo ocidente foi apresentado pelos afro-arábicos islamizados no século XII-XIII.

Gaarder em sua obra ao perfilar Flória Emília e ao trazer as influências sofridas por Santo Agostinho dos maniqueus, como o faz também Peter Brown (1990) em *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*, demonstra o papel e o lugar singular da cultura intelectual e filosóficas cristãs presente no norte da África no século V. O conhecimento filosófico africano não estava fechado nos mosteiros e conventos como ocorria na Europa. O saber era na medida do possível vinculado ao mundo laico, tanto que a universidade não confessional que conhecemos hoje é um legado da ocupação afro-arábica na Europa ocidental, como afirma Alain de Libera (1999).

No que toca o nosso trabalho acerca de uma análise do imaginário cristão na ficção, verificamos que nas obras ocidentais mencionadas se denuncia a intolerância e a violência cristãs presente na Europa, antes e depois do período medieval. As obras demonstram que o cristianismo é um movimento sócio-religioso que também comunga com a violência (física, sutil, psíquica e simbólica), com a morte e com a asfixia do saber (MAILLER, 1998) na medida em que visa o expansionismo e a manutenção de sua hegemonia e interesse (BETHENCOURT, 2000). O cristianismo e a instituição cristã, desde a sua

origem, fazem a leitura do contexto, utilizam o texto e o marketing religioso no universo intercambiante das crenças, consolidando na maior empresa de construção de símbolos e imagens de nossa história, inclusive na nossa contemporaneidade (WEBER, 1996).

Essas obras literárias estão profundamente associadas ao mundo temporal e histórico em que a religião e o cristianismo, em particular, estão em franco diálogo com o mundo laico da ciência, sobretudo após o Concílio Vaticano II na década de 1960. No entanto, nessas obras eles retratam o momento em que a Igreja Católica estava fechada em si mesma nos seus dogmas e doutrinas difundidas nos seus monastérios, principalmente medievais.

O riso, a mulher e os conhecimentos africanos, islamizados ou não, por exemplo, são apresentados em uma vasta literatura euro-ocidental como questões e grupos a serem combatidos e eliminados, pois são representantes do mal. A inquisição ou a perseguição religiosa que culminaram nas violentas repressões e na morte de centenas de milhões de pessoas na história das religiões, em particular na cristã, tem tido simbolicamente o poder de purificar o ambiente social, sem que com isso seja identificado como crime de lesa humanidade pelas autoridades, governos e nações laicas, mesmo porque elas estão assentadas sobre o mito e sobre o imaginário religioso que as informam como de povos eleitos, puros, pacíficos e bons, bem como pelo poder econômico, político e cultural que possuem no cenário nacional e internacional das nações ocidentais (GIRARD, 1990).

Em suma, Eco, tanto como Gaarder, denuncia esta violência e este crime cometido há séculos contra pessoas e instituições que anunciam conhecimentos e possibilidades novas de ser e estar em contato com o mundo. Neste sentido, podemos mencionar ao final deste breve artigo também a nossa homenagem a José Saramago (1998), especialmente ao escrever *In Nomine Dei*, pois o mesmo também faz uma autêntica denúncia ao império da violência impresso na cultura exclusivista presente na ciência e nas instituições euro-ocidentais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

BETHENCOURT, F. **História das Inquisições**: Portugal, Espanha e Itália: séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- BROWN, P. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ECO, U. **Pós-escrito a o nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ECO, U. **O nome da rosa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- FONSECA, D. J. **A piada**: discurso sutil da exclusão: um estudo do risível no “racismo à brasileira”. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.
- FONSECA, D. J. **Lírios cálidos**. São Paulo: Massao Ohno, 1987.
- GAARDER, J. **Vita Brevis**: a carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra ; São Paulo: Ed. da UNESP, 1990.
- GOFF, J. Le. Les intellectuels au moyen agê. **Revue Belge de Philologie et d’Histoire**, [S.l.], v.36, n.3, p. 999-1001, 1958.
- LIBERA, A. de. **Pensar na Idade Média**. Tradução de P. Neves. São Paulo: 34, 1999.
- MAILLER, N. **O evangelho segundo o filho**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SÃO BENTO. **A regra de São Bento**. Tradução de D. Basílio Penido. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SARAMAGO, J. **In nomine dei**: teatro. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11.ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

Submetido: 31/07/2016

Aprovado: 20/10/2016